

Fernando SABINO, *O Grande Mentecapto, relato de aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*, Rio de Janeiro, Record, 1979.

O gênero picaresco, originalmente espanhol dos séculos XVI e XVII, situa uma narração, com fins moralizantes, das diversas aventuras e desventuras de um pícaro, feita por ele mesmo.

Para tanto, a picaresca espanhola é autobiográfica e a figura do pícaro, o que “pica en la cocina” como ajudante do conzinheiro e como aquele que belisca os alimentos da cozinha, é o elemento fundamental para a existência do gênero espanhol.

Polemicamente o pícaro ressurgiu em romances de outras épocas e outros países do Ocidente, caracterizando o intertexto com os romances do século gótico e criando novos tipos picarescos, definido, entre outros, o malandro brasileiro, objeto de estudo da crítica atual.

Mas, como explicar o surgimento do romance de Fernando Sabino, que como o próprio autor afirma, ser do gênero picaresco?

Mais que imitação ao gênero espanhol, *O Grande Mentecapto* é uma recriação da picaresca, no século XX, e como toda obra de arte, reproduz a realidade no ato de absorção desta mesma realidade e dos modelos anteriores, e na transgressão destes, através da recriação, ou melhor, da adequação do gênero à realidade brasileira.

Portanto, o livro de Fernando Sabino retrata a realidade brasileira, vista através de Minas Gerais, sinédoque que explica o contexto de transição vividos no Brasil da época: a passagem do regime escravocrata (189-) ao capitalismo comercial e ao advento da máquina, identificados na figura do português Boaventura, o comerciante de “Secos e Molhados” do Rio Acima, pai do “herói” do romance.

Como na picaresca espanhola, a época de transição representa a crise do sistema feudal e o advento da burguesia como classe social, instaurando os germes do capitalismo (em *Lazarillo de Tormes*, a aristocracia em crise se identificou ao escudeiro que vive das aparências, mas, que em realidade, não tem o que comer; ou na avareza do clero, o objetivo de crítica do *Buscón de Quevedo*) a picaresca brasileira do século XX identifica, a grosso modo, a ascensão do burguês comerciante, através da figura do imigrante europeu, “decreto de nova política imigratória da República recém-proclamada” e de crise européia.

Como reminiscência do gênero espanhol, a transição econômica-política e social identifica o romance brasileiro entre “as vagarosas viaturas de tração animal” e o tráfego “dos primeiros automóveis”, no território demarcado pelo estado de Minas Gerais.

Filho de imigrantes europeus (português e italiana), Viramundo, o grande mentecapto, o anti-herói do novo gênero que ressurgiu é a figura central do romance. Viramundo representa a passagem do mundo ingênuo inocente, visto em *Lazarillo de Tormes*, para a morte deste mesmo mundo, em detrimento de sua inadequação ao mundo moderno.

Mescla de pícaro e quixotesco, Viramundo percorre as cidades de Minas Gerais, saindo de Rio Acima e iniciando por Mariana a longo trajeto que caracteriza a peregrinação do novo pícaro.

Nesta reminiscência ao gênero espanhol, o mentecapto o transgride, à medida em que ao longo do itinerário toma consciência de sua condição de marginalizado na sociedade e ao final morre, como vítima desta mesma sociedade identificando sua inadequação ao mundo moderno: a liberdade do homem parece frente ao poder esmagador do progresso e suas contradições.

Formalmente, o mentecapto retoma o modelo espanhol à medida em que apresenta em seu itinerário o desfilar das figuras da realidade mineira (o burguês ascendente em Rio Acima, o clero em Mariana, o poder governamental em Ouro Preto, os loucos do hospício de Barbacena, o Exército, etc. ), e transgride-os à medida em que se define como pícaro quixotesco, inadequado a sociedade mineira, através de uma narrativa em terceira pessoa, que se identifica ao final do relato à personagem, criando a fusão da personagem-narrador através da integração do ser livre do mentecapto absorvido pelo ser racional do narrador.

“...esse vagabundo maravilhoso, esse meu irmão oligofrênico que no fundo vem a ser o melhor de minha razão de existir. Foi ele, esse iluminado de olhos cintilantes e cabelos desgrenhados que um dia saltou de dentro de mim e gritou basta! Num momento em que ser civilizado, bem penteado, bem vestido e ponderado dizia sim a uma injustiça... Este ser engasgado, contido, subjulgado pela ordem iníqua dos racionais é o verdadeiro furo da minha verdadeira natureza, o cerne da minha condição de homem, herói e pobre diabo, pária, negro, judeu índio, sonto, poeta, mendigo e débil mental, Viramundo que um dia há de rebelar-se dentro de mim, enfim liberto, poderoso na sua fragilidade, terrível na pureza de sua loucura.” (p.187/188)

A citação longa dispensa comentários, a perda do homem livre pelo homem racional identifica a comunhão do narrador com a personagem, e a transgressão ao gênero espanhol transforma-se em identificação ao gênero autobiográfico.

A fusão narrador-personagem, além de comprovar a verossimilhança dos fatos (como na picaresca espanhola), aglutina-os de forma a remontar o gênero autobiográfico espanhol.

“...e seu destino foi ficando de tal maneira identificado ao meu, que já não sei onde termina um e começa outro.” (p.227)

Porém, o mentecapto distancia-se do pícaro, porque o elemento motriz que o impele a peregrinar (a fome) não é fundamental àquele: a formação religiosa do mentecapto leva-o ao conformismo de sua situação, e a ânsia de pregar a liberdade define-o perante a sociedade como o grande mentecapto.

Além disso, o pícaro espanhol pretende uma ascensão social, ainda que seja horizontal, isto é entre os próprios marginalizados, e a situação deste, ao final do relato, pressupõe uma estabilidade financeira: o pícaro Lazarillo tem mulher, comida e emprego, embora isto não signifique que tenha deixado de ser pícaro.

O mentecapto, ao final morre, sem ter conseguido emprego, amor ou estabilidade financeira. Esta é a grande transgressão do livro, o processo de ascensão social do pícaro reverte-se no processo de degradação social do mentecapto: “Chega ao mais baixo degrau da escala social, além do qual só restavam os do vício, da delinquência e do suicídio.” (p. 202)

Pregador da liberdade do homem, o mentecapto, líder dos marginalizados (doidos, prostitutas, mendigos, retirantes, etc.), incita-os à rebelião contra o poder levando-a à morte, à libertação total do indivíduo: “Mas seus lábios pareciam entreabertos num sorriso.” (p.225)

Enquanto o pícaro pretende estabilizar-se socialmente (em *El Periquillo Sarniento*, o primeiro romance picaresco latino-americano, o pícaro concretiza o ideal da ascensão burguesa), o mentecapto, num processo inverso, degrada-se até a morte.

A morte libertadora, motivo de tradição religiosa, também é a metáfora da solução para a perda do indivíduo no sistema moderno.

Dilui-se a dúvida: o mentecapto de Fernando Sabino recria o pícaro espanhol, porque a realidade transitória que possibilitou o aparecimento do gênero espanhol reaparece, em condições distintas (mas não deixa de ser um momento de crise e transição), dando novos contornos ao gênero e definindo o anti-herói moderno: caso contrário, como explicar o primeiro romance latino americano *El Periquillo Sarniento* (1816) e o tão discutido “maladro” de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854-1855), precursor do mentecapto moderno?